VINÍCIUS OLIVEIRA GODOY

O Jogo do Belo e do Feio
de José Arthur Gianotti

O JOGO DO BELO E DO FEIO – JOSÉ ARTHUR GIANOTTI –

Em tempos de incerteza a respeito dos limites da arte e quando as instituições artísticas vêm-se inseridas em uma crise dos critérios artísticos, ou mesmo questionando a necessidade desta criterização, é possível pensarmos ainda na categoria do belo (e de seu conceito opositor), na arte? Este é um dos problemas que a mais recente obra do filósofo brasileiro José Arthur Gianotti, *O Jogo do Belo e do Feio* (Companhia das Letras, 2005), procura responder, a partir de uma reflexão dirigida, particularmente, à pintura.

Tomando como referência teórica o pensamento de Wittgenstein, a partir de sua teoria dos jogos de linguagem e das semelhanças de família (“family resemblances”)¹, o autor constrói uma reflexão original sobre a pintura, buscando entender o que vemos, como este olhar é construído e o que, a partir da pintura, nos é dado ver no momento em que dizemos, de uma tela, que é bela ou feia.

O autor nos propõe um jogo em que o conhecido e o desconhecido, aquilo que nos escapa na apreciação artística, se entrecruzam a todo instante, formando uma malha de significados que incide sobre a obra, ao mesmo tempo em que faz da própria obra, significado, linguagem não-verbal, a incidir sobre nosso olhar.

Neste jogo, uma série de cruzamentos é estabelecida. Um destes cruzamentos é formado entre a busca de uma teoria da pintura a partir da análise filosófica rigorosa com a experiência do “amateur d’art”. Como toda jogada de amor, esta teoria não é buscada sem uma certa dose de temeridade, como quando, nos limites da filosofia analítica – talvez já em suas bordas – ao fundamentar-se a partir do pensamento de Wittgenstein, busca o estabelecimento de regras ao juízo valorativo do belo e do feio. Temeridade elogiável quando vindo de um autor que, já consagrado em seu campo, lança-se, depois dos 70 anos de idade, a um debate até então não presente em seus livros. Ousadia que é índice da própria trajetória intelectual de José Arthur Gianotti, marcada por vias tão díspares como o pensamento marxiano e a filosofia de Wittgenstein, bem como pela busca de conciliar diferentes correntes de reflexão filosófica a partir de pensamento próprio, original.

As regras estabelecidas pelo autor aparecem ao longo de toda a obra com um jogo aberto, no qual a indeterminação própria de toda a arte é respeitada e onde, sobretudo, o respeito pela obra e pelo artista é evidenciado na ênfase dada à experiência estética, à primazia do trabalho artístico, fonte de toda reflexão, e pelo exame individual das obras,

Wittgenstein, em sua obra *Investigações Filosóficas*, procura definir a linguagem a partir de uma estrutura logicamente aberta, como a dos jogos, a qual não possui nenhuma propriedade em comum que os fizesse pertencer à mesma classe, e que possuem apenas semelhanças de família. Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Aforismo 65-69.

a partir da qual as teorias, caso a caso, são construídas. Esta prioridade dada ao contato com as obras, mas que se entrecruzam com outras obras (outro jogo do autor), permite ao texto não apenas investigar filosoficamente a arte, mas ser construído como crítica de arte (e como jogo de crítica, orquestrando-se com a tradição crítica das obras analisadas), em uma análise delicada e criativa de alguns “cânones” artísticos, como no interessante exame do quadro “O boi esfolado”, de Rembrandt², em que explora a dialética do visível e do invisível produzida por esta pintura. Vale ressaltar também que o autor não se priva à discussão de alguns aspectos da arte abstrata ou de manifestações artísticas contemporâneas, como o *readymade*, a instalação e o *happening*, abordados de maneira não preconceituosa (como, talvez, pudesse se esperar de um livro escrito sobre a tradicional “rainha das artes”), apesar de não se aprofundar nestes temas – falta de aprofundamento certamente sentida por todos aqueles inseridos no debate contemporâneo das artes.

O caráter por vezes ensaístico do texto pode deixar o leitor habituado à discussão acadêmica, um pouco impaciente. A liberdade com que Gianotti conduz seus temas, por alguns momentos, não deixa espaço para a citação ou mesmo o confronto com alguns autores fundamentais para as questões tratadas. Por exemplo, ao analisar a arte do ponto de vista de uma estrutura aberta de jogo, a partir do conceito de “semelhanças de família”, não é citada a obra de Morris Weitz, primeiro autor a defender a mesma concepção teórica wittgensteiniana, das “semelhanças de família”, para a arte³. Do mesmo modo, em nenhum momento das discussões a respeito da arte como linguagem não-verbal, ou da potência artística em “criar novos mundos”, são citadas as reflexões de Nelson Goodman⁴, provavelmente o maior expoente no que diz respeito às discussões entre arte e linguagem, dentro da tradição anglo-saxã. Ainda, ao fazer sua crítica ao psicologismo de Wollheim, sente-se falta das discussões já travadas por este último autor com Ernst Gombrich, a respeito do “ver” e “ver como” e da duplicidade tela/tema ou tema/tema (caso da figura “pato/coelho” de Wittgenstein), tema fundamental no livro de Gianotti⁵.

Por último, cabe destacar que um livro brasileiro o qual tome como referência o pensamento de Wittgenstein, ao analisar a arte, é sempre bem-vindo. Ao trazer uma referência ainda pouco habitual no cenário intelectual deste campo, bastante influenciado pelas reflexões fenomenológicas – alvo da crítica de Gianotti em muitos momentos do texto – e pela escola francesa, o pensamento anglo-saxão sobre a arte (moderado pela própria formação “uspiana” do autor), traz novas cartas ao jogo do debate artístico nacional.

VINÍCIUS OLIVEIRA GODOY

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

GIANOTTI, José Arthur. *O Jogo do Belo e do Feio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VINÍCIUS OLIVEIRA GODOY é doutorando em História, Teoria e Crítica de Arte, no PPG em Artes Visuais do Instituto de Artes/UFRGS.

Rembrandt. “O boi esfolado”, 1655. Óleo sobre madeira, 94 cm x 69 cm. Museu do Louvre, Paris.

Cf. WEITZ, Morris. “The Role of Theory in Aesthetics”. In: *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, 15 (1956); “Wittgenstein’s Aesthetics”. In: TILGHMAN, Benjamin (ed.). *Language and Aesthetics*. Lawrence: University of Kansas Press, 1973.

Cf. GOODMAN, Nelson. *Languages of Art. An Approach to a Theory of Symbols*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1976; *Ways of Worldmaking*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1978. Entre outros.

Gianotti, é importante esclarecer, dedica algumas páginas, ao final de seu livro, a uma crítica, muito pertinente, destas questões tais como são abordadas por Wollheim, apesar de aparentemente desconsiderar a visão de Gombrich. Cf. WOLLHEIM, Richard. *A Pintura como Arte*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. GOMBRICH, Sir Ernst. *Arte e Ilusão. Um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. *The Image and the Eye. Further studies in the psychology of pictorial representation*. Oxford: Phaidon, 1982.